



A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO E O PATRIARCALISMO DECADENTE: UMA LEITURA DE *FOGO MORTO* E *A MORATÓRIA*

Autor: Paulo de Freitas Gomes

Co-autor(a): Maria Aparecida Nascimento de Almeida

Orientador(a): Diógenes André Vieira Maciel

Universidade Estadual da Paraíba: ppqli@uepb.edu.br

RESUMO: O referente trabalho apresenta um estudo sobre as obras *Fogo Morto* (1943) e *A Moratória* (1955), destacando dois pontos primordiais para o desempenho da pesquisa: o patriarcado e, a representação da mulher. Portanto, o ensaio em destaque tece uma análise sobre o patriarcalismo, mesmo não estando no ápice de sua hegemonia social, mas, que ainda enaltece a autoridade masculina, por outro lado, apresenta a postura da mulher, a representação do feminino nesse entremeio da decadência da dominação patriarcal, justamente em um período de transição de um sistema político-social para outro que exigia uma nova postura dos indivíduos, com uma nova abordagem econômica e governamental.

Palavras-chave: Patriarcalismo, representação da mulher, hegemonia masculina, decadência, capitalismo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho caracteriza-se por apresentar uma análise a partir das obras *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego, e *A moratória* (1955), de Jorge Andrade, elegendo aspectos como a representação da mulher, a hegemonia masculina e a imposição do regime patriarcal, que se configura socialmente articulado ao sistema que rege a vida pública e os núcleos domiciliares especificamente no período de transição do século XIX para o século XX, na qual o homem se sobrepõe a qualquer atitude e pensamentos femininos.

Neste momento transitório do século XIX para o século XX, que podemos caracterizar como uma tensa passagem de um modelo social para outro, o que

causa uma desagregação social e um desequilíbrio na economia brasileira, a mulher recebe uma educação para atuar apenas nas atividades domésticas, sendo zelosa e obediente sem abertura para vivências públicas, portanto, caracterizada como um sexo subalterno, frágil e submisso, um ser passivo e com um roteiro de vida já definido pela comunidade social, levando em consideração que até os primeiros decênios do século XX a sociedade brasileira era significativamente rural, e que ainda vivenciava um sistema escravocrata, mesmo que não estivesse no seu apogeu e já começasse apresentar alguns indícios que ameaçavam a permanência deste sistema que se concretizava pela mão-de-obra escrava.



2 MARCAS DO PATRIARCALISMO NA HISTORIOGRAFIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA

De acordo com Aguiar (2000), a sociedade brasileira durante muito tempo permaneceu organizada por um sistema que elegia o patriarcado como forma única de organização social para a obtenção de ascensão, porque ao homem era delegada a função de escolher os cônjuges de seus filhos, com isso os interesses econômicos estavam sempre em primeiro plano, como também a permanência de poder e ostentação de grupos familiares tradicionais de nosso país. Estas características advindas dos desígnios ocidentais que perdurou durante todo século XIX até os primeiros decênios do século XX acabam por estigmatizar seletivamente esta sociedade, uniformizando-a e prescrevendo-a um discurso inclinado à ideais discriminatórios e eletistas.

No regime patriarcal, o universo masculino caracterizou-se pelas relações de mando e autoridade. A organização familiar girava em torno deste poderio e a mulher, os filhos e os escravos eram submetidos à autoridade masculina. No homem sobressaíam a força e a intelectualidade, a autoridade e a racionalidade.

Assim, os grupos familiares eram chancelados por uma voz autoritária de um sexo tido como superior, neste caso o homem,

que era a única pessoa, de acordo com o sistema vigente, como representante maior de sua casa, capaz de resolver todos os problemas dentro e fora dos núcleos domésticos. A figura do homem enquanto patriarca é vista socialmente como um herói que delegava e conseguia conduzir com braço forte os setores públicos: sociais, econômicos e políticos.

Então, podemos perceber nitidamente a família patriarcal com seus jogos de manutenção de poder, os arranjos matrimoniais e sua mentalidade em relação ao casamento. Como afirma Canto (2010, p. 02), para Gilberto Freyre está confinada apenas a uma forma de organização familiar: a do senhor de engenho, das grandes fazendas e propriedades rurais, do dono das mulheres, das filhas, que eram subordinadas a ele e que tudo comandava. Sabendo disso, não podemos deixar de dizer, que o homem também é aquele que profere a primeira e a última palavra a ser pronunciada nos núcleos domésticos.

Neste período, que atenta para mudanças sociais no Estado brasileiro entre os séculos XIX e XX, contamos com uma representação social pertencente a um regime escravocrata, e que economicamente o nosso país, o Brasil, era uma sociedade que se apoiava em um contexto rural, mesmo já apresentando implicações que surgiam dando



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

indícios de novos valores e aos novos tempos introduzindo um período de transição.

É evidente na sociedade patriarcal uma grande diferença entre o homem e a mulher: há um conceito de dominação opressor totalmente explícito, tal sentimento fragiliza, desqualifica e incapacita a figura feminina, negando-a qualquer participação social, a não ser a de realizar as tarefas já delimitadas socialmente, como ser uma boa esposa, boa mãe, uma dona de casa virtuosa que está sempre prontificada em agradar ao seu senhor, uma mulher preocupada com os afazeres domésticos e sempre pronta para dar as orientações necessárias para a condução de sua casa aos escravos e aos trabalhadores que por ali trafegavam, limitando-se apenas ao espaço domiciliar.

A mulher da vida real, naquele momento da formação da sociedade brasileira, exercia as atividades domésticas e cumpria o destino traçado pela força do patriarcalismo, inclusive sua educação estava relacionada à lógica prevalecente de que sua obrigação seria a de tornar-se esposa e mãe exemplar, condutora da formação dos futuros cidadãos e cidadãs. Dessa forma, submetia-se ao homem [...]. (SILVA, 2009, p. 02)

A mulher sempre sofreu com os ataques do discurso patriarcal, que lhe pusera sempre em um lugar à margem, mesmo considerando a figura feminina como um sexo frágil e inferior, por tanto, incapaz de se igualar, o homem nunca lhe deu abertura para conhecer outros espaços. A mulher sempre foi a principal vítima do patriarcalismo,

impondo-lhe a posição de meras passivas no contexto social, um ser semovente na construção da história brasileira no contexto da dominação patriarcal, e a religião também contribuiu por muitos séculos reafirmando este discurso excludente, designando a mulher apenas essa condição de procriadoras e defensoras da casa.

O romance *Fogo Morto* (1943) de José Lins do Rego, é uma narrativa que representa ficcionalmente a decadência do ciclo da cana-de-açúcar, os engenhos, o domínio dos grandes proprietários e senhores rurais, como também por retratar o abalo de uma sociedade que estava habituada a uma realidade respaldada pela escravatura, mas que, com a proximidade da abolição dos escravos, tinha que se adaptar a uma nova ordem econômica que florescia, dispensando a mão de obra humana escrava, e que trouxera as inovações da modernidade, como as usinas e máquinas a vapor. Neste contexto os personagens de *Fogo Morto* estão traçados com o espaço social e econômico vigentes da época.

A sociedade brasileira rural e escravocrata perdia irremediavelmente sua força econômica e política. Dessa forma, José Lins do Rego, representante dessa elite decadente assim como outros escritores da década de 30, traz em sua obra a nostalgia desse “mundo perdido”, envolvendo o plano das personagens com o espaço social e econômico dos engenhos. (SILVA, 2011, p. 01)

Estes aspectos que refletem a decadência dessa estrutura social são abordados por José Lins do Rego através da



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vida do engenho Santa Fé, havendo um acompanhamento do estado psicológico dos personagens que também entram em declínio, pois ao mesmo tempo em que essa estrutura social é alterada os personagens também são mostrados em estado de declínio psicológico.

A citação acima nos direciona a conhecer figuras como Luís César de Holanda Chacon, seu Lula, que vivia uma vida com muitas mordomias, mas que aos poucos vão aparecendo muitas limitações financeiras, o que ocasiona uma nostalgia no personagem pela perda ocorrente de seus bens, aspectos de angústias são apresentados pela não aceitação desta nova forma de organização social, pois um novo sistema econômico é estabelecido, e assim como o seleiro José Amaro, assume um caráter transgressor diante dessas mudanças, com um comportamento não compatível com a nova estrutura, que não se refere apenas as questões econômicas, mas que exige um novo desempenho social dessas figuras patriarcais, o que para eles era uma transgressão ao modelo tradicionalista que estavam habituados.

Portanto, é notório um estado de desagregação, de angústia acometida pela perda de identidade, nestes personagens se percebe uma postura que transita entre a lucidez, no sentido de estarem aprisionados aos antigos hábitos e costumes e não deixa-los de lado para atenderem as novas informações

econômicas e sociais, e uma loucura que ocasiona sintomas depressivos, que são consequências da não adesão às novas posições, como também, do desrespeito a estes cidadãos, que, de certa forma, não são mais compreendidos por não corresponderem a este novo público.

Analisando a obra *A moratória* (1955) de Jorge Andrade, é compreensível as semelhanças entre o drama paulista e o romance de Zé Lins. Em *A moratória* o enredo se desenvolve acerca do personagem Joaquim, o patriarca decaído de uma família que perde suas terras com a crise de 1929, e que se sente totalmente deslocado de seu meio de origem, mas que mesmo tendo perdido o processo que julgava a posse de suas terras permanece ligado as suas crenças e valores de uma vida rural, havendo um choque entre a mentalidade e a realidade social. A família fica inconformada com a saída das terras, principalmente Joaquim, o patriarca:

Joaquim: meus direitos sobre essas terras não dependem de dívidas. Nasci e fui criado aqui. Aqui nasceram meus filhos. Aqui viveram e morreram meus pais. Isto é mais do que uma simples propriedade. É meu sangue! Não podem me fazer isso! (ANDRADE, 1986, p. 166)

Para Joaquim, aquela propriedade tinha um significado maior que um simples espaço físico, ela traz lembranças de sua meninice, recorda toda sua vivência de juventude, foi naquelas terras que ele



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

construiu toda sua trajetória, alimentou e educou seus filhos, aquele pedaço de chão traz recordações de sua ancestralidade, pois seus pais foram dali, aquelas terras eram um resultado cotidiano de seus esforços, não seria impróprio afirmar que ela era sua própria identidade, pois ele não se via em outro lugar que não aquele, e mesmo sendo obrigado a sair, a esperança do retorno lhe consumia, falava mais alto.

Na narrativa de José Lins, o personagem José Amaro também passa por esse estado de desagregação psicológica e moral, pois o coronel Lula de Holanda, dono do Santa Fé, manda que o mestre desocupe suas terras. José Amaro rejeita a proposta do coronel Lula, pois foi naquele pedaço de chão que ele nasceu juntamente com seus irmãos, estes se foram, mas ele não, assim, o mestre José Amaro permanecia naquela casa construída por seu pai, onde exercia a função de seleiro de beira de estrada.

O próprio coronel Lula se encontra neste estado de desagregação psicológica, temendo as novas ordens de cunho social e econômico, como já foi mencionado anteriormente neste trabalho, além de sofrer por não estar preparado para encarar a realidade que emerge a partir da abolição escravocrata e da adesão do sistema capitalista. As famílias descritas por Zé Lins estão envolvidas e regidas pelo patriarcado,

submissas ao coronelismo em um Brasil que vive um momento de transição, que é motivo de instabilidade para muitas pessoas que não se adaptaram ao novo regime capitalista. Dessa forma, a aristocracia rural direciona “as personagens a passar por uma traumática desagregação econômica, social e psicológica”, como afirma Silva (2011, p. 03).

Fogo Morto (1943) e *A moratória* (1955) são tramas que refletem esse sentimento de decadência, sofrimento, depressão e loucura. Representando uma sociedade incapaz de internalizar mudanças e acompanhá-las. Marcelo, o filho de Joaquim, é um personagem muito parecido com o coronel Lula de Holanda, pois ambos não encaram a realidade dos fatos e acabam por se esconder atrofiados em si mesmos, vivendo de forma indiferente dos outros, afastados das famílias que sentem os abalos das transformações sociais e das crises, tanto da queda do café, quanto do desequilíbrio dos engenhos de cana-de-açúcar, que implicam na decadência das grandes propriedades rurais e conseqüentemente há uma mudança na postura do homem na sociedade.

Nas tramas aqui apresentadas constatamos quatro famílias que passam dificuldades ao enfrentar a passagem de um sistema já consumado socialmente, em que todos comungam da força do patriarcado: estas famílias sempre tem a figura de um



homem velho, que por diversas vezes são apresentados como incapazes na concepção de uma outra forma de organização social.

Portanto, encontramos nestas obras características pertinentes a essas quatro famílias, aos quatro patriarcas, como o sofrimento que advém pela decadência de uma estrutura econômica que perdurara por tanto tempo, e que, de certa forma, tornava o mundo desses personagens mais seguros, a incompatibilidade com as novas regras de convivência social, a quebra de valores, que para eles são marcas identitárias e culturais, marcas essas essenciais para a construção e permanência de uma família tradicional, o declínio à depressão, sendo que cada um deles buscavam sua forma de salvamento, querendo mostrar seus valores particulares.

3 MARTA, NENÉM E LUCÍLIA: ENTRE O PATRIARCALISMO DECADENTE E UM NOVO SISTEMA ECONÔMICO E SOCIAL

A figura feminina durante muito tempo, especificamente no apogeu do patriarcado, se constitui por ser considerado um ser subalterno, passivo, à mulher era sempre reservado um destino que finalizava na obediência, seja ao pai ou ao seu esposo, esta afirmação pode ser percebida na voz do capitão Vitorino Carneiro da Cunha: “Mas mulher só anda mesmo no chicote. Isto de

tratar mulher a vela de libra, não é comigo” (REGO, 1987, p. 303). Segundo Gilberto Freyre (2003) em *Casa Grande & Senzala* afirma que a mulher era “criatura reprimida sexual e socialmente, dentro da sombra do pai e do marido”. Verifiquemos o que nos salienta Ferreira e Pessoa:

[...] a doutrina do ser inferior ao homem, intelectualmente, era celeste, e, portanto, devia consolar-se. Por outro préstimo, sem outra ocupação senão a de procriar, criar filhos e cozinhar. E no nosso século, até estas últimas décadas, essa ainda é a história de muitas mulheres. (FERREIRA; PESSOA, 1990, p. 78)

É notório que, tanto na obra *Fogo Morto* quanto em *A moratória*, encontramos a figura feminina, com todos os seus sonhos e objetivos relacionados ao casamento, o futuro cônjuge deveria ser aceito e escolhido criteriosamente pelo patriarca da família, que, no caso, era o pai. O casamento neste período é tido como uma alternativa de permanência de status familiar, ou seja, através do casamento arranjado, mesmo que não seja do agrado da moça, era uma forma da família permanecer com seu prestígio social.

No entanto, as mulheres ainda podiam frequentar os ambientes escolares, mesmo com tanta negação e submissão, porém não com a finalidade de abrangência ou de uma participação maior no contexto social, e sim para o aprimoramento de seus encantos e delicadezas, do ler e escrever apenas. Vejamos o trecho a seguir:



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Desde pequena via aquela menina quieta para um canto e pensava que aquilo fosse até vantagem. [...] Moça era para viver dentro de casa, dar-se ao respeito. E Marta foi crescendo e não mudou de gênio. Botara na escola do Pilar, aprendeu a ler, tinha um bom talhe de letra, sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido. (REGO, 1972, p 44)

Esta era a realidade das mulheres jovens: aprenderem desde cedo os ofícios para ser uma boa dona de casa. As mulheres, para ganhar o respeito de seus esposos, tinham que se manterem submissas, o que era uma regra marcante do patriarcalismo, elas tinham poucas palavras a serem ditas, mas sempre com presteza no ouvir e obedecer, como é expresso no trecho adiante, “Comadre, isto é conversa para homem. Negro e mulher não tem que se meter”, (REGO, 2004, p. 109).

Nas obras contempladas neste trabalho as mulheres sempre aparecem exercendo suas funções de domésticas, pois para isto elas eram delegadas, para os afazeres domésticos e procriação. Vejamos o trecho adiante:

Helena: (*Evocativa*) A casa me pareceu grande demais.

Joaquim: Só para nós dois.

Helena: Pensei que não fosse dar conta.

Joaquim: Você só podia ser uma boa dona de casa!

Helena: Foi o que mamãe me ensinou.

Joaquim: (*Pausa*) Há uma coisa que sempre quis perguntar, Helena.

Helena: Diga.

Joaquim: O que foi que pensou de mim no momento em que ficamos a sós?

Helena: Nada.

Joaquim: Nada?

Helena: Nada. Não conhecia você direito.

Joaquim: (*Irritado*) Você tem cada uma! A gente vê uma pessoa e sente alguma coisa!

Helena: Não sei, não me lembro. Sabia, desde menina, que ia casar com você, mas... (*Sorri*) acho que ouvi sua voz pela primeira vez quando disse “Sim” lá na capela!

Joaquim: Não queria casar comigo?

Helena: Não sei. Não me perguntaram.

Joaquim: E se tivessem perguntado?

Helena: Não me perguntariam nunca.

Joaquim: (*Violento*) Mas, e se perguntassem?

Helena: Como vou saber, Quim? Eu nem sabia o que era isso.

Joaquim: E depois?

Helena: Naturalmente que sim. (Entreolham-se, evocativos)

[...]

Helena: Para não sentir medo, sabe no que comecei a pensar? Como se dava ponto em goiabada, como se fazia sabão de cinza, como se aproveitava o leite para fazer queijo e o que devia fazer para me tornar uma boa fazendeira. Tentava lembrar de todas as recomendações de minha mãe, uma por uma. (ANDRADE, 1986, p. 173-174)

Nesta passagem do texto de Jorge Andrade notamos a imagem tradicional da mulher, representada pela personagem Helena, que rompe com suas vontades e anseios para satisfazer as normas de uma sociedade estigmatizada pela hegemonia masculina.

Helena representa de forma verossímil a falta de autoridade da mulher em tomar suas próprias decisões, começando pelo casamento que foi idealizado por seu pai desde sua infância, mesmo sem conhecer o noivo direito, ela já estava prometida ao casamento. Na tradição do patriarcado a mulher é ensinada desde cedo a exercer seu papel voltado a harmonia do casamento, pois contatamos que o que resta a mulher é a passividade e aceitação dos fatos.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Essa cultura de subalternização da mulher que beneficia a ideologia machista, acaba por ser transmitida de geração para geração e quando estas regras são contrariadas, dar-se-á início a um confronto de ideologia social e cultural, é o que encontramos na obra *Fogo Morto* com as personagens Marta e Neném.

Com tanto sofrimento pela falta de apreço do pai e por não ter conseguido nenhum pretendente para casar-se, Marta é levada para a tamarineira no Recife, porque enlouquecera pelo regime hostil e bruto que o seleiro lhe impusera, o mestre José Amaro possui uma linguagem agressiva que ignora a existência daquela que era sua única descendência, mas que não lhe dava gosto porque não era um homem que pudesse lhe defender dos agravos de alguém que viesse lhe faltar com respeito, não era um filho que pudesse lhe encher de sentimento de dignidade e dar continuidade à tradição masculina, mestre Zé não terá nem um filho, nem um genro para calar as vozes debochadas e os disparates relacionados às moças velhas, pois neste padrão já se enquadrava sua filha, desta forma, Marta projetava em seu ser a angústia do declínio psicológico de seu pai.

Neném, a filha do coronel Lula de Holanda e de Dona Amélia, ainda jovem e sonhadora, mostra-se uma moça delicada, com estudos realizados no Recife, alegre e

desenvolta, o pai se via naquele ser de corpo feminino, fazia tudo que a moça desejava, era a mais bela, falante, mais distinta do que as outras moças daquela região, mas Neném começa a sofrer com as mudanças psicológicas e degradação humana de seu pai, pois a narrativa nordestina nos aponta que à medida que o Santa Fé caía na decadente e baixa produção, o coronel Lula também se degradava, alienado, com posturas violentas, que em outros momentos não era percebido em sua pessoa, buscava sempre pertencer a um status social que não mais pertencia a sua família, tomando como refúgio o apego a religião.

A degradação física do proprietário do Santa Fé também é anunciada a partir dos ataques epiléticos que o coronel vinha sofrendo, Neném não tinha liberdade de viver sua juventude sendo barrada pelas posições duras e autoritárias de seu pai, negando-a a liberdade de ir em busca de sua felicidade, sendo amarrada a um sistema despótico.

Já a jovem Lucília cuja transformação é bem intensa, ocasionada pela passagem de um antigo sistema econômico para um regime capitalista, é descrita na narrativa paulista por ser uma mocinha casadoura, alegre, preocupada com vestidos e em namorar; depois, abdica de seu noivado e começa a costurar para sustentar toda a família, assumindo uma postura orgulhosa e



ressentida, pois percebe a impotência de sua família diante daquela nova realidade e assiste o modo de vida ao qual dedicaram suas existências se despedaçar diante de seus olhos. Lutam como podem para mantê-lo, mas é em vão. Seu irmão, Marcelo, que na fazenda era acostumado com um modo de vida livre e sem obrigações, três anos depois passa as noites na rua bebendo e troca de emprego frequentemente. Sem conseguir permanecer empregado, acaba sendo também um estorvo para a irmã.

Lucília: A minha vida é esta. São duas coisas que não se misturam. Sou responsável também pela carga.

Joaquim: Carga?

Lucília: Minhas obrigações.

Joaquim: (Violento) Então, eu e sua mãe somos carga?

Lucília: Não foi isso que eu quis dizer. Não faça as coisas mais difíceis, papai.

Joaquim: (Abaixa a cabeça) A verdade é que você tem razão.

Lucília: (Vai até o pai e o abraça) Não poderia viver longe de vocês, assim como estamos, nem posso pedir a um moço que arque, com todas as responsabilidades. É a situação que é difícil. Sou feliz vivendo junto de vocês. Procure compreender papai. (ANDRADE, 1986, p. 130)

Tanto em *A moratória* quanto em *Fogo Morto* essas moças vivem no seio das famílias que vivenciam de forma dramática a decadência de um sistema social e financeiro e a introdução de uma nova forma de vivência que precisa ser conhecida e praticada, não podendo cruzar os braços. Suas angústias acentuam-se no decorrer da história com os pais opressores, que não conseguem lidar com os sentimentos de perda e que estão em

conflito devido ao processo histórico de mudanças pelas quais estão passando.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho traçou uma discussão a respeito dos discursos relacionados à manutenção e conquista de poder, no período em que o patriarcalismo fazia parte das organizações familiares e sociais. Através das fundamentações teóricas constatamos o quanto o homem foi beneficiado com as ideologias machistas para manifestar sua posição de domínio em relação à mulher, em que se via em uma situação subalternizada.

No tocante às obras estudadas, *Fogo Morto* e *A moratória*, de certa forma, podemos perceber a força feminina com caráter emancipador em suas personagens, demonstrando a necessidade de assumir postos masculinos e a gerir com competência os espaços patriarcais.

Estas obras, mesmo escritas em territórios diferentes, compartilham e tecem abordagens temáticas semelhantes, conseguem dialogar sobre a situação do Brasil em um período em que as mudanças na economia, na política e na própria vida e relações cotidianas são velozes e exigem das pessoas outra posição, uma nova forma de agir e pensar, pois não tinha como permanecer com os mesmos ideais: aquela antiga postura



social não era mais pertinente e precisava-se aderir outra performance para atender ao modelo de vida capitalista.

Com esta nova ordem capitalista, é inegável que a figura feminina passa a frequentar espaços que antes não lhes era permitido, a mulher passa a ser introduzida nos setores públicos, e passa acompanhar as novas demandas, principalmente profissionais. Agora, ao invés de estarem aprisionadas e remetidas apenas aos âmbitos domésticos, desenvolvem funções que antes eram restritas ao homem, porém, com a implantação de um modelo econômico que exigia a velocidade de produção, a mulher era intimada a participar, e ao homem cabia aceitação desta no processo econômico brasileiro, em detrimento da nova ordem capitalista.

O processo de mecanização e as atividades proletarizadas também são mencionados, em *Fogo Morto* estas afirmativas podem ser ratificadas com a abolição da escravidão dando início ao processo de surgimento das usinas e, com isso, os engenhos vão sendo ultrapassados, e no surgimento das novas profissões que aparecem no enredo de *A moratória*, principalmente quando se refere ao personagem Marcelo, filho de Joaquim, que exercem tais funções com mau gosto, pois não estava preparado para tais ofícios, ao

contrário de Lucília que apresenta entusiasmo neste novo modelo de vida.

Com esta reforma, o homem tem outras possibilidades de subsistência, que não estão mais interligadas ao cultivo do solo, pois as pessoas passaram a procurar outros meios de sustentação, portanto a agricultura não se encontrava mais no primeiro plano da economia brasileira, o café e a cana-de-açúcar, produtos de grande movimentação econômica durante muito tempo no nosso país, deixam de protagonizar na economia brasileira e dão abertura para o setor mecanizado e industrial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Jorge. *A Moratória in Marta, a árvore e o relógio*. Perspectiva, São Paulo, 1986.

CANTO, Tafnes do. Um olhar sobre o século XIX brasileiro: a família patriarcal em Iaiá Garcia de Machado de Assis. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Vol2, n. 3, 2010. Disponível em: <<http://www.rbhcs.com/artigo.pdf>> acesso em: 10 de Jun. 2015

FERREIRA, Luzilá Gonçalves; PESSOA, M. N. M. *O discurso feminino possível*. In: GOTLIB, Nádía Batella (org). **A mulher na literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, São Paulo: Editora Global, 2003.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SILVA, Mirian Cardoso: *A representação da mulher na sociedade patriarcal do século XIX: uma leitura de Fogo Morto*. Campo Mourão, Encontro de Produção Científica e Tecnologia/FECILCAN, 2011. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/nupem/anais-vi-epct/PDF/linguística/04.pdf>> Acesso em: 10 de Jun. 2015

SILVA, Tânia Maria da Conceição Meneses. *A mulher Brasileira do século XIX no*

contexto do patriarcalismo. Recanto das Letras, 2012. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3918994>> Acesso em: 20 de Jun. 2015.

REGO, José Lins. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Olympio, 1972.

REGO, José Lins. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Olympio, 2004.